

**“Elas (não) só pensam naquilo!”: A resignificação do sexo e os interdiscursos promovidos pelo consumo de pornografia por mulheres**

**MAYTÊ CABRAL MESQUITA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

**MARCELO DE REZENDE PINTO**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

## **“Elas (não) só pensam naquilo!”: A resignificação do sexo e os interdiscursos promovidos pelo consumo de pornografia por mulheres**

### **Introdução**

Já não é novidade considerar que o consumo assume um lugar na sociedade contemporânea que vai além do mundo dos negócios, da gestão de marketing, da publicidade e até mesmo do comportamento do consumidor (Fontenelle, 2017) para contemplar questões que permeiam as relações entre sociedade e indivíduo, seja na forma de sistemas de classificação e de comunicação social, como em processos de formação de identidade, em processos ritualísticos e em construção de comunidades (Askegaard & Linnet, 2011). Em suma, o consumo pode ser entendido como uma categoria central na busca pelo entendimento das mais diversas questões da sociedade atual nomeada por diversos autores como sociedade de consumo.

Dessa forma, pode ser considerada superada aquela visão que trata o consumo como a simples aquisição de bens ou a contratação de serviços (comum nos textos clássicos de comportamento do consumidor). Pelo contrário, o consumo, hodiernamente, expande essa concepção para diversos processos e práticas da vida cotidiana envolvendo temáticas diversas como, por exemplo, a vivência da sexualidade e atrelado a isso, o consumo de produtos eróticos (Walther, 2012) e conteúdos pornográficos.

Paralelo a essa constatação, percebe-se um ambiente marcado pela tecnologia e pela informação, no qual o dinamismo tomou conta da vida das pessoas o que propiciou o acesso a todo tipo de informação. O fenômeno da internet e os avanços tecnológicos, além das mudanças culturais, aumentaram a permissividade e possibilitaram o acesso a diversos tipos de consumo, dentre eles, o consumo de conteúdos pornográficos que, hoje em dia, estão na palma da mão com os *notebooks*, *tablets* e *smartphones*. Devido ao fenômeno da popularização da internet, os conteúdos pornográficos estão acessíveis a qualquer um, tornando-se parte do cotidiano da vida moderna.

Os dados sobre esse mercado confirmam sua pujança. De acordo com a Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual (ABEME), existem atualmente, no Brasil, 11 mil pontos de venda que geram direta e indiretamente mais de 125 mil empregos e que, juntos, faturam mais de 1 bilhão de reais anualmente (ABEME, 2018). No tocante ao setor de pornografia on-line, o Pornhub é um dos maiores e mais visitados sites adultos e, desde 2013, possui uma página dedicada às estatísticas de consumo do seu site principal e de parceiros (Redtube e Youporn). Os dados sobre o consumo de conteúdos pornográficos, apresentados por Cuminale (2016), mostram que, dos consumidores de pornografia (cenas de sexo explícito) no Brasil, 43% têm de 18 a 25 anos e 28% têm de 25 a 34 anos. Do total de acessos, 33% são feitos por mulheres. Além disso, o tempo médio gasto em cada visita é de 7 minutos e 57 segundos e o período do dia com o maior número de acessos é de dez horas da noite até uma hora da manhã. Complementando tais informações, 65% dos usuários visualizam pornografia pelo *smartphone*, 30% pelo computador e 5% pelo *tablet*. Em 2013, o Brasil estava na 11ª posição no ranking dos países que mais acessavam o Pornhub, um dos maiores sites pornográficos do mundo e, em 2015, o Brasil ocupava o 9º posto na lista entre os países que mais acessam sites pornôns (Cuminale, 2016).

Outra questão que não pode passar despercebida é mencionada por Gregori (2012) no que concerne à “feminização” do mercado de consumo de pornografia. Esse movimento, que acontece tanto no âmbito da comercialização como no do consumo, parece representar, na visão dessa pesquisadora, uma modificação na regulação do controle da sexualidade feminina por meio de uma maior valorização de produtos ligados ao sexo.

A despeito do significativo volume de consumo de pornografia e dos altos valores que esse mercado movimentou, é curioso notar que a literatura atinente aos estudos do consumo explorou pouco essa temática, o que se configura como um vasto campo de descobertas para compreender alguns fenômenos da sociedade contemporânea. No Brasil, estudos envolvendo o consumo de pornografia ainda são incipientes.

Esse contexto motivou a execução de uma pesquisa empírica com o objetivo de compreender como se configura o consumo de pornografia on-line por mulheres. A partir desse objetivo, foi traçado um percurso metodológico que contemplava duas etapas: uma baseada em observação em um grupo secreto da rede social *Facebook* e outra com base focada em entrevistas em profundidade com mulheres consumidoras de pornografia. A partir da análise dos dados, na qual emergiram diversas categorias, elegeram-se para discussão nesse artigo dois objetivos. Em primeiro lugar, discutir como os processos simbólicos e culturalmente situados existentes no consumo de pornografia on-line por mulheres contribuem para a (re)significação do sexo e da própria pornografia. Em segundo lugar, mas paralelamente ao primeiro, expor apontamentos no tocante aos estereótipos, aos preconceitos e aos tabus que permeiam o discurso referente ao consumo de pornografia on-line por mulheres.

É oportuno esclarecer que o intuito deste estudo, lastreado na perspectiva do interpretativismo nas Ciências Sociais, é analisar o fenômeno consumo de pornografia on-line por mulheres sem a intenção de fazer qualquer tipo de juízo de valor.

A escolha desse tema justifica-se, pois a articulação teórica entre os temas sexualidade e consumo pode contribuir para os estudos acadêmicos sobre consumo e servir de embasamento para pesquisas focadas em fenômenos que tenham relação com as temáticas aqui selecionadas. O trabalho também se justifica pela realidade pujante nos negócios, uma vez que esse ramo, embora seja um mercado contestado, movimentou bilhões de dólares em todo mundo, além dos altos números relacionados a acessos e consumidores.

Assim, o artigo foi organizado em cinco seções além dessa introdução. A primeira seção apresenta uma revisão da literatura aos temas sexualidade e pornografia. A segunda seção dedica espaço para tecer comentários sobre o percurso metodológico adotado para a condução da pesquisa empírica. Outras duas seções foram acrescentadas ao texto visando à discussão das duas categorias emergentes da análise do *corpus*. O artigo é finalizado com as considerações finais ressaltando as conclusões gerais do estudo e as sugestões para trabalhos futuros.

## **Revisão da Literatura**

### **Sobre a sexualidade: alguns apontamentos**

A definição de sexualidade é multifacetada. Ela pode ser compreendida como uma dimensão humana, profundamente ligada à vida, ao amor, à expressão subjetiva da autonomia e da beleza, que o próprio ser humano traz em sua singularidade como pessoa (Cabral & Romeiro, 2011).

Ribeiro (2005) complementa ao entender a sexualidade como um conjunto de fatos, sentimentos e percepções vinculados ao sexo ou à vida sexual. O autor amplia o conceito de sexualidade, abrangendo o impulso sexual e tudo o que dele decorre, como o desejo, a procura por um objeto sexual, a representação do desejo, a elaboração mental para realizar o desejo, bem como a influência exercida pela cultura, sociedade e família, e ainda a moral, os valores, a religião, a sublimação e a repressão.

Originalmente, a sexualidade é biológica e seu propósito básico é a perpetuação da espécie. Entretanto, o ser humano racional alterou essa lógica e foi além do impulso

biológico, utilizando a sexualidade para outros fins, mais especificamente, como forma de dar e receber prazer (Ribeiro, 2005).

Complementando as definições dos autores anteriormente citados, Bozon (2004), em seu livro intitulado *Sociologia da Sexualidade*, afirma que a sexualidade humana “não é um dado da natureza”, mas sim construída socialmente pelo contexto social e tem papel fundamental na legitimação da ordem estabelecida entre os sexos e, também, entre as gerações. Assim, o autor destaca o papel central que a construção social tem na elaboração da sexualidade humana.

... os homens, como “animais desnaturados” que se tornaram, já não sabem mais se comportar sexualmente por instinto. Eles não só necessitam de um aprendizado social para saber de que maneira, quando e com que agir sexualmente, como não conseguem agir sem dar um sentido aos seus atos. E, como construção social, a sexualidade humana implica, de maneira aceitável, a coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal, apreendidas ambas através da cultura (Bozon, 2004, p. 13)

Com isso, tanto o sentido da sexualidade quanto a prática do sexo são construídos culturalmente, existindo assim uma dimensão sociocultural embasada historicamente por normas e padrões, a qual dá aos indivíduos a compreensão do que seja a sexualidade (Ribeiro, 2005). Atrelada à questão da sexualidade, surge a pornografia que também pode ser considerada uma construção social, temática a ser discutida na próxima seção.

### **Sobre a pornografia: de algo escondido para a disponibilidade na palma da mão**

O termo pornografia não é algo simples de ser definido uma vez que além de ter várias tentativas de delimitação mostra-se muito associado a crenças construídas histórica e culturalmente, permeadas por questões morais, valores e significações inerentes ao indivíduo. Uma dessas tentativas de conceituação pode ser apreendida por meio de uma consulta à Enciclopédia Britânica que define a pornografia como a “representação do comportamento sexual em livros, imagens, estátuas, filmes e outros meios que se destina a causar excitação sexual”. Originária do grego *porni* (“prostituta”) e *graphein* (“escrever”), a palavra pornografia foi inicialmente definida como qualquer obra de arte ou literatura que retratasse a vida das prostitutas (Jenkins, 2006).

Conforme esclarece Bozon (2004), desde a Antiguidade, a temática sexual aparecia nas mais diversas obras e, pouco a pouco, os escritos e as imagens eróticas passaram a definir um gênero particular e desvalorizado, nomeado de pornografia, palavra que representa etimologicamente “escritos sobre prostitutas e prostituição”. Um dos primeiros escritos considerados pornográficos é a obra *Diálogos das cortesãs*, de autoria do grego Luciano, no século II a. C. Já no século I, a obra de Ovídio, intitulada *A arte de amar*, apresenta uma compilação de conselhos aos amantes, homens e mulheres. Nela há um detalhamento do processo de sedução e de conquista, desde o encontro até o ato em si, abrangendo as perspectivas tanto dos homens quanto das mulheres. Segundo Bozon (2004), a obra tem como característica convidar os amantes a despenderem tempo para usufruir um ao outro.

Na Europa, iniciou-se uma tradição pornográfica, a partir do Renascimento, caracterizada pela divulgação de imagens com representação explícita de sexo e com palavras que feriam o pudor, abalando a filosofia e a sociedade com descrições obscenas (Díaz-Benítez, 2010). No século XVIII, a libertinagem francesa representou uma ruptura nas representações e uma redefinição dos códigos da sexualidade. Naquela época, várias obras libertinas foram apresentadas como filosóficas, uma vez que não tinham como pontos centrais os relatos de prostitutas ou experiências de devassos, e passaram a ser romances de iniciação e formação.

Bozon (2004) afirma ainda que a libertinagem foi dividida em dois segmentos, conforme a linguagem utilizada pelos autores. Um dos gêneros é o galante, em que as descrições do amor são bem detalhadas, mas realizadas por meio de metáforas e meias palavras. O outro gênero é o obsceno, cujas palavras são mais cruas e o ato sexual é descrito de forma mais explícita, podendo até conter figuras ilustrando-o.

A pornografia política ganhou força nos anos de 1760, na França, por meio de panfletos cujo alvo era a monarquia, inicialmente Luis XV e madame du Barry e, posteriormente, Maria Antonieta, a devassa, e Luis XVI, o impotente (Bozon, 2004).

Independentemente se a obra era galante ou obscena, no século XVIII, todo livro libertino era proibido, portanto, clandestino, ao contrário dos tratados filosóficos e dos panfletos políticos. A proibição das obras libertinas elevou significativamente o sucesso e o fascínio pelas mesmas, gerando um efeito contrário em relação à sua disseminação.

Com relação à representação da sexualidade, no século XVIII, foi determinada uma distinção entre os erotismos velado e explícito, mantendo-se, apesar de profundas modificações no seu conteúdo, até à época contemporânea. Essa distinção entre os gêneros consolidou-se, em meados do século XX, opondo o erotismo, considerado um gênero de bom gosto, limpo e que evoca o desejo e amor, à pornografia, considerada suja, vulgar, que explicita os atos sexuais. No entanto, assim como na época da libertinagem, esta separação também esconde uma cumplicidade entre os gêneros ao estabelecer os limites de pudor que evoluem constantemente (Bozon, 2004).

A oposição entre pornografia e erotismo foi fortemente deslocada, a partir dos anos 1960, quando surgiram os filmes que colocavam em imagens a atividade sexual. A partir da Revolução Sexual, foi ampliada e se tornou mais permissiva, especialmente para as mulheres. Atualmente o avanço tecnológico facilitou o acesso e proporcionou um leque maior de opções pornográficas (Bozon, 2004). Nesse sentido, a visibilidade e a acessibilidade oferecidas pela internet à pornografia permitiram a sua reinvenção e a divisão em outros subgêneros alternativos, em que filmes são produzidos de forma independente ou até mesmo amadora. Essa ampliação da produção pornográfica possibilitou que várias obras confrontassem o formato tradicional dos filmes, em que predominavam a heterossexualidade masculina, dando mais espaço a segmentos de mercado alternativos fazendo emergir novos tipos de audiência (Ribeiro Neto & Ceccarelli, 2015).

### **Percurso Metodológico**

Os resultados apresentados nesse artigo são oriundos de uma pesquisa empírica mais abrangente sobre consumo de pornografia on-line por mulheres que pode ser considerada de cunho interpretativista, de natureza exploratória (Morgan, 2007; Vergara & Caldas, 2005; Burrell & Morgan, 1979), com abordagem qualitativa (Denzin & Lincoln, 2006). Essa pesquisa foi dividida em dois grandes momentos. No primeiro momento, foi conduzida uma observação em um grupo secreto da rede social *Facebook*, de nome fictício “Falando de Sexualidade”, formado apenas por mulheres de todo o Brasil. Essa comunidade foi criada com o intuito de compartilhar experiências, fotos, vídeos, histórias que tenham como temáticas principais sexo, sexualidade e empoderamento feminino, além de questionar e debater sobre diversos assuntos que envolvem sexualidade, prazer, consumo de pornografia, dentre outros.

O segundo momento da pesquisa foi desenvolvido a partir do material coletado durante a observação nesse grupo do *Facebook* com a condução de entrevistas em profundidade com 11 mulheres do referido grupo, que se declararam consumidoras de pornografia on-line. O critério utilizado para selecionar as entrevistadas foi a disponibilidade e interesse que demonstraram em participar, confirmação da participação e agendamento da entrevista (Bauer & Gaskell, 2007). Das entrevistas, 4 foram conduzidas presencialmente em lugares públicos previamente escolhidos pelas entrevistadas e 7 foram feitas a distância, em

vídeo via Skype. O instrumento de coleta de dados foi o roteiro semiestruturado. As entrevistas foram gravadas em áudio, resultando 12 horas e 59 minutos e transcritas posteriormente na íntegra.

No tocante à caracterização das entrevistadas pode-se dizer que todas as participantes disseram ter entre 20 e 38 anos. Além disso, foi verificado que todas elas possuem formações em diferentes áreas, a maioria tem ensino superior, 3 delas ainda não são formadas na graduação, 02 são estudantes de pós-graduação *stricto sensu* e duas se declararam professoras do ensino superior. Com relação ao estado civil, 03 são casadas e 08 são solteiras, e destas últimas, 06 possuem um relacionamento. No que se refere à opção sexual, 07 se declararam ser heterossexual e 4 disseram ser bissexual. Apenas 02 delas indicaram ter descoberto a sexualidade via pornografia.

Na etapa de análise dos dados, lançou-se mão da análise do discurso de vertente francesa como uma proposta metodológica. Essa corrente permite trabalhar com interlocuções entre aspectos culturais e sociais na construção da realidade ao relacionar a teoria, o objeto e prática, permitindo que o pesquisador compreenda, por meio do discurso, a história, o sujeito, a linguagem e a ideologia (Orlandi, 2012).

Como os discursos apresentam uma complexidade composta por diversos elementos, os seguintes procedimentos foram utilizados: identificação e análise dos principais aspectos da análise lexical; análise dos personagens; análise do implícito e explícito; identificação e análise dos principais temas e figuras (explícitos ou implícitos) dos discursos; identificação e análise dos principais aspectos interdiscursivos; identificação e análise dos principais aspectos refletidos e refratados nos discursos; identificação e análise dos principais aspectos das condições sociais de produção dos discursos (Saraiva, 2009).

Na fase de análise de dados, algumas categorias emergiram. Nesse artigo o foco será a discussão de duas categorias que se mostraram centrais no discurso das entrevistadas. A primeira delas tem a ver com as questões relacionadas à ressignificação do sexo e da pornografia e a segunda é atinente aos interdiscursos concernentes à pornografia e seu consumo, tema da próxima seção.

## **Discussão dos Resultados**

### **Ressignificando o sexo e a pornografia**

Ao longo das entrevistas foram realizadas, perguntas com o intuito de levantar algumas significações e ressignificações concernentes ao sexo e à pornografia. Comumente, o sexo é entendido pelas pessoas como uma atividade que envolve penetração com a finalidade de prazer. No entanto, nenhuma das interlocutoras, nas respostas, percebe o sexo somente como a definição citada acima. No trecho a seguir, o discurso socialmente aceito do que é sexo fica evidente, no entanto, há uma ressignificação para a interlocutora:

(01) Sexo, para mim, é o contato íntimo entre duas pessoas, com penetração ou não. (Entrevistada 7).

No fragmento discursivo (01), há o aspecto refletido no que se refere ao discurso acerca do sexo como “*contato íntimo entre duas pessoas, com penetração*”, preservando e reproduzindo o sentido socialmente estabelecido, pois se trata de uma afirmação legítima de que, no ato sexual, há penetração. Entretanto, ao dizer a expressão “*para mim*”, a interlocutora expressa que essa percepção é uma visão dela. Além disso, há uma ressignificação, pois no discurso existe um aspecto refratado, isto é, reinterpretado e modificado conforme seus referenciais enquanto enunciadora, identificado pela expressão “*ou não*”, apresentando que o

sexo pode ou não ter penetração. Corroborando tal visão, outra entrevistada apresenta seu entendimento do que é sexo:

(02) É quase tudo. Vai muito além de penetração. Porque, normalmente, é entendido como penetração. Mas sexo, tirando o ato em si, ele é o toque, ele é o beijo, ele é a troca de energia, principalmente, só que isso também vem com a maturidade. (Entrevistada 11).

Inicialmente, há um silenciamento na expressão “É quase tudo”, uma vez que é uma resposta evasiva, um tipo de rodeio que não responde à questão. No entanto, ao analisar o restante da resposta, há claramente um aspecto refletido no trecho discursivo “*normalmente é entendido como penetração*”, em que há uma afirmação verdadeira reproduzindo o que é entendido e aceito pela sociedade como sexo, além do termo “*normalmente*” que serve para reforçar esse sentido. Há também um aspecto refratado apresentado pela expressão “*Vai muito além de penetração*”, porque o sexo assume aqui a ressignificação de não ser apenas penetração, ou seja, outro significado para o sexo diferente do que comumente é aceito. Esse fato converge com o que afirma Ribeiro (2005); que tanto o sentido da sexualidade quanto a prática do sexo são construídos culturalmente, existindo assim uma dimensão sociocultural embasada historicamente por normas e padrões que dá aos indivíduos a compreensão do que seja a sexualidade. O que também pode ser evidenciado no fragmento discursivo (03) da entrevistada 8, a seguir:

(03) [...] Porque, para mim, a atividade sexual, ela não se limita somente ao ato de penetração ou de vivência em um momento. Mas chega a ser toda uma vivência. (Entrevistada 8).

Como pode ser percebido, há mais uma vez aspectos refletidos e refratados acerca de sexo, no fragmento discursivo (03). Há também, na visão da entrevistada 2, uma distinção do que é sexo para os homens e do que é sexo para as mulheres:

(04) Eu acho que o homem, pelo menos os que são criados da forma tradicional, eles acham que o sexo é chegar, tirar a roupa, meter, gozou, dormiu. Pelo menos eu imagino isso. E para a mulher, não. Para a mulher tem todo o outro... Tem todo um outro ambiente, uma outra preparação, um outro tempo. (Entrevistada 2).

Na percepção da entrevistada 2, a expressão “*sexo é chegar, tirar a roupa, meter, gozou, dormiu*” é a visão do sexo para os homens e parece ser o aspecto refletido do discurso, uma vez que o termo “*meter*” significa penetração. No trecho “*para a mulher, não*”, fica claro que, no entendimento da entrevistada, a visão do sexo para as mulheres não é a mesma dos homens, parecendo ser o aspecto refratado do discurso, ou seja, há outro sentido de sexo para as mulheres, não é só o ato em si, não é só a penetração, reforçando mais uma vez a visão de Ribeiro (2005).

Outro ponto interessante acerca da significação e da ressignificação de sexo diz respeito às primeiras experiências e aos sentimentos das entrevistadas quanto ao ato sexual. Percebe-se que algumas delas, inicialmente, tiveram experiências não tão boas, nem prazerosas, mas que, posteriormente, isso foi de alguma forma transformado.

(05) Então, sexo para mim foi um tabuzão assim, bem tabu até os meus 25, 26 anos. Porque eu perdi a virgindade muito cedo, [...], eu não tinha muita noção de como isso funcionava. Então as primeiras experiências que eu tive foram bem ruins. (Entrevistada 2).

No relato da entrevistada 2, os termos “*tabuzão*” e “*bem tabu*” caracterizam o sexo na vida da entrevistada como proibido, prática censurada até os 25 anos. Fica perceptível a

ênfase dada pela utilização do aumentativo de *tabu* e também pelo advérbio de intensidade *bem*. Já a expressão “*eu não tinha muita noção de como isso funcionava*” explicita a falta de conhecimento da entrevistada quanto ao ato sexual. Nesse sentido, a interlocutora constata que as experiências ruins podem ser reflexo da falta de informação e de conhecimento advinda do tabu acerca do sexo no nosso contexto sociocultural, corroborando a percepção da entrevistada 5, a seguir:

(06) [...] sexo por muito tempo foi uma merda, uma bosta mesmo, de não gozar, não saber que eu poderia, por exemplo, me tocar enquanto eu estava sendo penetrada. Sei lá, uma coisa que: “Eu posso fazer isso? Nossa! Eu posso fazer isso!”. (Entrevistada 5).

Os termos “*por muito tempo*”, “*uma merda*” e “*uma bosta*” qualificam a experiência sexual da entrevistada que, por um bom período de tempo, não foi boa, nem prazerosa, uma vez que ela não sabia sequer o que podia ou não fazer, explicitado pela expressão “*Eu posso fazer isso?*”. Tal fato pode estar associado à falta de esclarecimento e de educação sexual, por exemplo, nas escolas, para os jovens que estão iniciando a vida sexual, principalmente para as mulheres, uma vez que esse assunto está envolto por preconceitos na família e no nosso contexto social. No entanto, aparentemente, hoje em dia, ela sabe o que a agrada e satisfaz, reforçado com a expressão “*Nossa! Eu posso fazer isso*”. Tudo isso parece ganhar eco na fala de Bozon (2004), quando o autor afirma que, atualmente, as pessoas alteram seu comportamento sexual progressivamente ao longo da vida, a partir das suas próprias interpretações e reinterpretções sobre a sexualidade.

Além disso, no trecho “*de não gozar*”, fica claro que por bastante tempo a entrevistada não atingiu o clímax proporcionado pelo ato sexual, o qual, nas palavras de Bozon (2004), é a finalidade e a realidade profunda da sexualidade e também unidade de medida da atividade sexual. Nesse sentido, mesmo com reconhecida capacidade das mulheres de gozar igual aos homens (del Priore, 2011), ainda hoje devido a várias questões, dentre elas culturais, sociais, familiares e religiosas, ao orgasmo feminino não é dada tanta relevância, ficando em segundo plano.

Para introduzir o tema pornografia, foi utilizada a técnica projetiva por meio do método de associação (Rook, 2006), na qual as participantes são orientadas a responder a um estímulo com a primeira coisa que lhes vier à mente. Tal técnica possibilitou extrair dos discursos das entrevistadas elementos inerentes à significação e ressignificação da pornografia, por meio da identificação dos aspectos refletidos e refratados na análise do discurso.

(07) A indústria, a pornografia enquanto literatura e *gift* ou contos, ou, enfim, vídeos amadores, essas coisas. (Entrevistada 2).

(08) Vêm primeiramente sites pornográficos que são bem tradicionalzinhos, e Tumblr. (Entrevistada 7).

Na percepção da entrevistada 2, há uma clara distinção entre a indústria pornográfica, que são os filmes e vídeos produzidos de forma profissional, e os outros tipos de conteúdos, como literatura, *gifts* e vídeos amadores. No fragmento discursivo (08), a expressão “*bem tradicionalzinhos*” faz referência a sites com conteúdos pornográficos *mainstream* que reforçam o padrão composto por relações, na maioria das vezes, heterossexuais, com atores que representam estereótipos de beleza e com roteiros repetitivos, os quais obedecem a um discurso que perpassa fronteiras simbólicas aceitas e, quando exhibe performances sexuais menos comuns, conserva e afirma a estruturação das relações de gênero (Díaz-Benítez, 2010).

A percepção da entrevistada 10, no fragmento discursivo (09), possui o aspecto refletido do sentido socialmente estabelecido sobre a pornografia, a qual é vista pelas mulheres como algo moralmente condenável e como algo que deprecia o sexo, reforçando a seguinte afirmação de Díaz-Benítez (2010, p. 12): “a pornografia permanece entre discursos e juízos de valor, [...], habitando fronteiras movediças entre o que se considera ‘bom’ e ‘ruim’”.

(09) Então, pornografia eu acho que ficou um tema muito pejorativo assim, só vem coisas bem pesadas na minha cabeça [...]. E é isso que vem assim, é uma coisa bem pesada, é o sexo no sexo mesmo e sempre o homem sendo o dominante [...]. Eu imagino um homem e uma mulher de quatro. (Entrevistada 10).

O adjetivo “*pejorativo*” possui significação de algo “depreciativo”, “desagradável”. Nesse sentido, para a interlocutora, o assunto pornografia parece ser carregando de todo aspecto simbólico que lhe é conferido. Além disso, tal visão é enfatizada pelo advérbio de intensidade “muito”. A expressão “*o homem sempre sendo o dominante*” também é um aspecto refletido, trata-se de uma afirmação legítima sobre a dominação do homem em relação à mulher e do papel central ocupado pelo gênero masculino nesse tipo de conteúdo. Ademais, a imagem que vem à mente da entrevistada 10 é típica dos conteúdos pornográficos e reforçam tal dominação da mulher pelo homem, podendo também ser transposta para outras esferas da vida social. Toda essa discussão parece encontrar eco na ideia de que a sexualidade humana “não é um dado da natureza”, mas sim construída socialmente, tendo papel fundamental na legitimação da ordem estabelecida entre os sexos (Bozon, 2004).

Percebe-se, nessa seção, que o tema pornografia está carregado de tabus e preconceitos. No entanto, atualmente, as mulheres vêm ganhando espaço em várias esferas da sociedade. Tal empoderamento também pode ser percebido com relação ao consumo de pornografia por elas. O próximo tópico trata do tabu, do preconceito e do empoderamento feminino, relacionados ao consumo de pornografia.

### **Os Interdiscursos concernentes à pornografia e seu consumo**

Os discursos acerca do consumo de pornografia são constituídos por interdiscursos que expressam os pontos de vista, opiniões, posicionamentos e que resgatam imagens da sexualidade e de tudo que a envolve. Trata-se do resgate de memórias discursivas construídas socialmente. Contextualizando a discussão, ao longo dos anos, cada vez mais, as mulheres vêm conquistando espaço nas variadas esferas da sociedade, ganhando inclusive participação em âmbitos antes dominados pelos homens, como, por exemplo, no mercado de trabalho, na comunidade acadêmica, na política, tornando-se responsáveis pelas famílias e domicílios, ficando mais independentes. Dentre esses domínios antes “exclusivos” aos homens, é possível incluir o consumo de pornografia que, com o passar dos anos e com a revolução sexual, vem sendo também uma esfera ocupada pelas mulheres.

Essa participação feminina no consumo de pornografia, como demonstram os dados apresentados na introdução deste estudo, foi propiciada principalmente pela internet, a qual possibilitou facilidade de acesso e resguardo da privacidade do consumidor, permitindo total anonimato, além da gratuidade e da ampla variedade de gêneros e estilos específicos dentro do conteúdo pornográfico (Ribeiro Neto & Ceccarelli, 2015).

No entanto, mesmo com essa maior participação das mulheres no consumo de pornografia on-line e, conseqüentemente, com uma maior liberdade acerca do sexo e de suas sexualidades, há um silêncio sobre esse consumo, o qual ainda é considerado tabu, além do fato de que os constrangimentos e julgamentos sobre o consumo da pornografia são desiguais, havendo mais tolerância com o consumo de pornografia por homens do que por mulheres.

Nesse sentido, esta seção aborda os interdiscursos mais evidentes e comuns às entrevistadas, relacionados à pornografia e ao seu consumo.

Os interdiscursos são enunciados que surgem em relação a um discurso já existente. De acordo com Maingueneau (1998, p. 86), “[...] pode-se chamar interdiscurso um conjunto de discursos. [...] Se consideramos um discurso particular, podemos também chamar interdiscurso o conjunto das unidades discursivas com as quais ele entra em relação”. Fiorin (1999, p. 231) complementa que

[...] a identidade de um discurso depende de sua relação com outros, isto é, que ele não se constitui independentemente de outros discursos, para, em seguida, pôr-se em relação com eles, mas se constrói, de maneira regrada, no interior dessa oposição, definem-se nos limites dessa relação polêmica.

A partir das análises das entrevistas, foram evidenciados dois grupos de elementos interdiscursivos:

- a) a vergonha, o tabu, o preconceito, o medo de julgamento e a censura surgiram como interdiscursos sendo associados a aspectos negativos relacionados ao consumo de pornografia;
- b) empoderamento, autoconhecimento, ampliação de possibilidades, prazer, liberdade surgiram como interdiscursos associados a aspectos positivos relacionados ao consumo de pornografia.

Como discutido anteriormente, há um preconceito em torno das mulheres que consomem pornografia, principalmente por parte das mulheres que, aparentemente, não fazem uso desse tipo de conteúdo. Quando questionadas se já foram criticadas pelo fato de consumirem pornografia on-line, as entrevistadas relataram que há sempre um preconceito, como pode ser observado no fragmento discursivo (10):

(10) Não criticada, mas as pessoas assustam, principalmente quando você está na roda de mulheres. [...] Mas tem muita mulher, muita mulher que ainda assusta e fala: “Nossa! Você faz isso? Mas não entendo. Como é que você consegue?”. Critica mesmo o consumo de pornografia. (Entrevistada 1).

A seleção lexical “*as pessoas*” refere-se, de forma geral, a homens e mulheres que se assustam com o fato de mulheres consumirem pornografia; no entanto, a interlocutora, ao utilizar a expressão “*principalmente*”, reforça que as mulheres não consumidoras de pornografia criticam esse consumo. A repetição da palavra “*muita*”, nesse trecho, tem por intuito reafirmar a opinião da entrevistada em relação à quantidade de mulheres que não consomem pornografia e que se espanta com o fato de algumas mulheres consumirem. Além do mais, a predominância do consumo desse conteúdo por homens é evidenciada na fala da entrevistada quando menciona o questionamento sobre como ela consegue consumir pornografia.

As mulheres que consomem são criticadas, condenadas e estigmatizadas, fato explicitamente evidenciado e reforçado por meio dos fragmentos discursivos (11), (12) e (13):

(11) Já sim. Como mulher já. De amigos falar: “Que isso? Você assiste pornô?”. Como se eu não pudesse porque eu sou mulher. Tipo, não é para mim. Eu já ouvi isso várias vezes. (Entrevistada 6).

(12) [...] o homem, se falar que consome, vai todo mundo falar “isso é normal”, e a mulher, talvez algumas pessoas vão falar “nossa”. [...] Mas num panorama geral, o homem é nada

julgado por isso e a mulher vai ser sempre julgada como e tudo que julgam: promíscua, safada, sem vergonha, qualquer coisa desse tipo. Vai ser sempre um argumento a mais para diminuir a mulher. (Entrevistada 7).

(13) Com certeza existe [...] a mulher é puta, a mulher é vagabunda porque ela consome pornografia. (Entrevistada 1).

Quando questionada se já foi alguma vez criticada pelo fato de consumir pornografia, a interlocutora 6 responde que já e utiliza a expressão “*como mulher já*”, do fragmento discursivo (11), indicando que foi criticada por pessoas de seu próprio convívio, pelo fato de ser mulher, ficando implícito que, se fosse um homem consumindo, a crítica poderia ser mais branda ou até mesmo nem seria feita. Ao utilizar a seleção lexical “*Como se eu não pudesse porque eu sou mulher*” fica explícita a proibição, o tabu acerca desse consumo pelas mulheres, evidenciando um estereótipo de gênero, já que esse comportamento é entendido como masculino, e que as mulheres estariam transgredindo uma fronteira.

No fragmento discursivo (12), ao utilizar a expressão “*a mulher vai ser sempre julgada*”, fica claro que a atribuição de juízo de valor é desigual, recaindo somente sobre as mulheres, visto que há bem mais aceitação do consumo de pornografia por homens. As escolhas lexicais “*promíscua, safada, sem vergonha*” explicitam de forma pejorativa a crítica quanto a esse consumo, sendo empregados adjetivos de forma a desqualificar a mulher, diferenciando-a das demais mulheres que não consomem esse tipo de material (ou não admitem consumir), ou seja, refletem o discurso de que as mulheres que consomem pornografia são vistas pela sociedade como inferiores, imorais. O trecho “*a mulher é puta, a mulher é vagabunda porque ela consome pornografia*” reforça o preconceito sofrido pelas mulheres que consomem pornografia, sendo até estigmatizadas. Tal preconceito e julgamento também podem ser evidenciados no fragmento discursivo (14), a seguir:

(14) Não, porque eu acho que eu nunca falei isso com ninguém. É uma coisa que você não sai por aí comentando: “Nossa! Vi um vídeo e tal, interessante”. No máximo que eu falei foi no grupo, onde você pediu as voluntárias, mas, assim, lá não existe esse tipo de julgamento. Então eu acho que não, ninguém nunca me julgou não. (Entrevistada 2).

A entrevistada 2 nunca foi julgada e nem sofreu preconceito pelo fato de consumir pornografia on-line, porque ela “*nunca falou isso com ninguém*”, assim pressupõe-se que, se tivesse falado, teria sido julgada. A interlocutora só fala sobre esse assunto no espaço em que o tema é tolerado e discutido, ou seja, “*no grupo, onde você pediu as voluntárias*” porque lá “*não existe esse tipo de julgamento*”. Fica implícito que a entrevistada prefere o silenciamento por receio de ser julgada por outras pessoas.

O tabu aparece como elemento interdiscursivo evidenciado no sentido de proibição, de negação, de restrição do consumo de pornografia às mulheres. Quando questionada se os pais sabem sobre esse consumo, a entrevistada 2 relata:

(15) Eles não sabem. Esse é um tabu. Minha mãe é muito tradicional, então, assim, eu nem imagino o que que passaria pela cabeça dela se ela soubesse que eu acesso pornografia on-line, sabe. (Entrevistada 2).

No fragmento discursivo (15), ao utilizar a expressão “*Esse é um tabu*”, fica claro que é proibido falar desse consumo com seus pais, reforçado pela seleção lexical “*Minha mãe é muito tradicional*”, deixando subentendido que a mãe dela não consome pornografia e condena tal ato. Além disso, a interlocutora expressa a possibilidade de julgamento caso sua mãe fique sabendo desse consumo, o que aparentemente causa certa angústia.

A partir dos fragmentos discursivos aqui apresentados e das análises das entrevistas, foram evidenciados como elementos interdiscursivos a vergonha, o tabu, o preconceito, o medo de julgamento, que, juntos, demonstram um sentido negativo e, acima de tudo, reforçam a estrutura de significados estabelecida pela cultura que assume o consumo de pornografia por mulheres como proibido, negado, transgressivo e, por essas razões, deve ser recusado, levando ao distanciamento do sentido libertador e emancipador que esse consumo pode revelar para o exercício da sexualidade. Fica evidente aqui a dimensão padrões sócio-históricos do consumo que moldam as experiências do consumidor e as suas identidades (Arnould & Thompson, 2007), uma vez que as influências culturais formadas pelas diferentes instâncias - a família, a escola, a religião, as pessoas do convívio - quanto ao significado da pornografia e seu consumo não são totalmente negadas pelas entrevistadas, como também não é negada a estrutura social que ainda impera nesse contexto.

No entanto, também foram observados nos relatos aspectos positivos quanto ao consumo de pornografia por mulheres, os quais apareceram como elementos interdiscursivos construtores de significados associados à ampliação de possibilidades e, conseqüentemente, à liberdade. São exemplos:

(16) Então o diálogo no sexo melhorou muito a minha vida sexual e isso foi graças ao consumo de pornografia, não só o consumo, obviamente, eu acho que tem um processo aí de evolução sua, de autoconhecimento e tal. Mas você vê nos filmes as coisas acontecendo e aí você consegue tipo assim “nossa, é normal isso acontecer, então eu posso pedir. As pessoas fazem isso”. Então acho que quebra também uns tabus na sua cabeça. Umas coisas que você fica com medo de pedir para o outro com medo do outro estranhar, e vai ver, é supernormal. (Entrevistada 1).

O fragmento discursivo (16) evidencia o antagonismo em relação ao consumo de pornografia, destacando “o tabu” (enquanto proibição e negação de certas práticas) e “a liberdade” (enquanto possibilidade de outras práticas que aparecem na pornografia). A expressão “*melhorou muito a minha vida sexual e isso foi graças ao consumo de pornografia, não só o consumo, obviamente, eu acho que tem um processo aí de evolução sua, de autoconhecimento e tal*” deixa explícito que o consumo de pornografia, de alguma forma, contribuiu para melhorar a vida sexual da entrevistada, no sentido de poder visualizar outras possibilidades de posições e de práticas que antes eram desconhecidas ou proibidas no seu próprio imaginário.

Após consumir pornografia, a interlocutora 1 conseguiu dialogar com o parceiro a respeito do que gosta e do que não gosta e perceber que algumas posições e práticas são possíveis e “normais” para o exercício da sexualidade. Diante da fala da entrevistada, o consumo de pornografia pode ser visto com a finalidade de aprender e aperfeiçoar algumas técnicas de exercício do sexo, de abordar o corpo para autoconhecimento, de sentir prazer, além de estimular a libido do parceiro ou da parceira. Essas informações vão ao encontro do que aponta Bozon (2004), quando afirma que, atualmente, as pessoas alteram o comportamento sexual progressivamente ao longo da vida, a partir das suas próprias interpretações e reinterpretações sobre a sexualidade.

A interdiscursividade aparece mais uma vez como estratégia discursiva, colocando novamente em polos de oposição o “tabu” e a “liberdade”:

(17) Cria-se muito um tabu de o que que a mulher pode ou não pode fazer, [...], a forma como ela deve ou não se portar no sexo. Então, quando você vê alguma coisa diferente daquilo que foi ensinado como certo, talvez te aguce e você fala assim: “Mas espera aí, se pode acontecer isso aqui e pode ser legal, por que tem alguém me privando?” (Entrevistada 2).

A entrevistada 2 revela que o consumo de pornografia deu a ela a possibilidade de ver “*coisa diferente daquilo que foi ensinado como certo*”, podendo perceber que algumas coisas vistas por ela como erradas ou impróprias podem ser possíveis de serem feitas e também podem ser boas. Esse trecho reforça a ideia de que, ao consumir pornografia, a entrevistada questionou a estrutura, explicitado na seleção lexical “*por que tem alguém me privando?*”. E, por meio de sua agência, mudou a visão quanto a esse consumo e a essas práticas. Nesse sentido, o consumo de pornografia propicia não somente questionamento e exploração de possibilidades, como pode promover alteração na forma como as mulheres encaram a sexualidade e a liberdade.

Toda essa discussão parece encontrar eco na ideia de que a pornografia está presente na socialização de práticas sexuais, mesmo que de forma marginal, não sendo a única fonte, “*mas é uma instância educacional do corpo, [...], na maior parte das vezes secreto, da construção social da sexualidade na relação consigo mesmo e na projeção do uso do corpo para viver a sexualidade com parceiros e parceiras*” (Gomes, 2015, p. 73).

Reforçando a discussão acerca da abertura de possibilidades a novas experiências e de quebra do tabu propiciada pelo consumo de pornografia, apresenta-se mais um fragmento discursivo:

(18) É justamente sobre abrir novas possibilidades. Porque, como na nossa sociedade o sexo é um tabu muito grande, as pessoas evitam falar sobre as experiências delas ou sobre algo que ela gosta por acreditar que vai ser julgada. E, na pornografia, esse limite some. Esse limite da moralidade, da falsa moralidade não é aplicado a um filme pornográfico. Então, quando uma pessoa vê algo que é novo, ela imediatamente vai pensar “quero tentar” ou “isso me desagradou muito”, ou “isso me agrada e eu realmente quero pôr em prática” ou “eu tenho certeza que eu não gosto disso”. Então é justamente por isso que muda. (Entrevistada 9).

Ao ser questionada sobre o que mudou em sua vida após consumir pornografia online, a entrevistada 9 deixa claro que foi a abertura de novas possibilidades. Também estão presentes o julgamento e o tabu que a sociedade tem acerca do sexo. No entanto, no trecho “*E na pornografia esse limite some. Esse limite da moralidade, da falsa moralidade não é aplicado a um filme pornográfico*”, a entrevistada afirma que, ao consumir pornografia e ao descobrir outras possibilidades, o julgamento do que é certo ou errado cabe à pessoa que consome. A consumidora, enquanto sujeito agente, escolhe o que lhe agrada, o que lhe faz bem ou o que não lhe agrada, tanto no consumo de pornografia quanto no ato sexual. Nesse sentido, as práticas sexuais vistas pelas entrevistadas na escolha de filmes e conteúdos pornográficos “*não significam absorção das performances sexuais midiáticas como prática na relação com outras pessoas [...], pois disputa prestígio, distinção, reconhecimento e valores com outras informações e formas de pensamento difundidas por outras instâncias sociais e sujeitos*” (Gomes, 2015, p.73).

Outro interdiscurso relacionado ao consumo de pornografia é a maior autonomia durante a relação sexual, o empoderamento, como pode ser observado no fragmento discursivo (19):

(19) Igual eu estava te explicando, o fato de eu ter começado a consumir filme pornô quebrou muito tabu na minha cabeça na hora do sexo. Então eu tive a liberdade de me comunicar, eu tive a liberdade de pedir, de negar, de falar o que eu gosto, de fazer o que eu gosto. [...] Eu senti que eu tomei um pouco mais de... as rédeas da situação, do sexo. (Entrevistada 1).

A expressão “*Eu senti que eu tomei um pouco mais de... as rédeas da situação, do sexo*” evidencia a percepção de a entrevistada ter autonomia durante o ato sexual, sentir-se segura para se afirmar e pedir o que gosta, ou então recusar o que não lhe agrada. Tudo isso

foi possibilitado pelo consumo de pornografia e pelo rompimento, mesmo que parcial, com a estrutura de significados estabelecida pela cultura, conforme relata a própria interlocutora. Constata-se, então, que para algumas entrevistadas o consumo de pornografia propicia um questionamento dos significados culturais e de seus contextos, além da ressignificação desses significados.

Novamente, a interdiscursividade aparece como estratégia discursiva, colocando mais uma vez em polos de oposição o “tabu” e o “empoderamento”:

(20) O tempo que eu não consumia era o tempo que eu também não tinha vida sexual ativa, então foi muito... Foi junto, foi bem próximo quando eu comecei a me relacionar. E entra toda essa questão também, eu me senti mais mulher, eu me senti mais empoderada, de certa forma, eu me senti mais dona do meu prazer, a autonomia sobre o meu corpo. Acho que não só pela pornografia, só ela, mas pela barreira que se rompe, que pelo menos na minha experiência se rompeu quando eu comecei a consumir pornografia. (Entrevistada 4).

No fragmento discursivo (20), percebe-se que o consumo de pornografia on-line propiciou à entrevistada um questionamento e uma ruptura parcial com os significados culturais de seu contexto, o que pode ser evidenciado pela expressão “*a barreira que se rompe*”. E, por meio de sua agência, passou a encarar o sexo e a sexualidade de maneira diferente, ela passa a “*ser mais dona*” do próprio prazer, a ter mais autonomia sobre o próprio corpo, ficando subentendido o autoconhecimento.

Os elementos interdiscursivos empoderamento, autoconhecimento, ampliação de possibilidades, prazer e liberdade foram evidenciados a partir dos fragmentos discursivos apresentados e das análises das entrevistas, demonstrando um sentido positivo que o consumo de pornografia assume para as entrevistadas, encontrando eco na ideia de que os sujeitos sociais são agentes de suas práticas e não somente reprodutores da estrutura de significados estabelecida pela cultura (Lima, 2010). Portanto, por meio dos interdiscursos, percebe-se que as entrevistadas exercem agência sobre aquilo que consomem e, de certa forma, influenciam alguns aspectos culturais colocados pelas ditas estruturas dominantes, pois, mesmo reprimidas e julgadas, questionam a restrição desse consumo e buscam o prazer e a satisfação sexual.

Os interdiscursos recorrentes nos relatos acerca do consumo de pornografia on-line expressam sentimentos ambíguos. Se, por um lado, são atribuídos sentidos negativos, associados ao preconceito, à censura, ao medo, à vergonha, ao tabu, levando as consumidoras (ou entrevistadas) a um silenciamento e a uma negação dessa prática; por outro, é atribuído o sentido de libertação dos estereótipos construídos socialmente acerca da prática sexual, do domínio e reinvenção de seus próprios corpos, do autoconhecimento, das relações com os parceiros e do encontro com seu próprio prazer.

Nesse ponto, torna-se interessante deslocar a discussão para as considerações finais do trabalho que será conduzida na próxima seção.

### **Considerações Finais**

Tendo em vista as discussões empreendidas anteriormente, um primeiro ponto precisa ser enfatizado. O fenômeno do consumo de pornografia on-line por mulheres descortina uma série de questões que extrapolaram os objetivos inicialmente estabelecidos para a pesquisa em face à riqueza de elementos identificados tanto na fase de observação como nas entrevistas em profundidade. A opção de se lançar mão da orientação teórico-metodológica da análise do discurso mostrou-se não só adequada, mas principalmente essencial para dar conta da complexidade do fenômeno. Dessa forma, o artigo se limitou a apresentar a discussão deflagrada pela emergência de duas categorias de análise: a

ressignificação do sexo a partir do consumo de pornografia e a existência dos interdiscursos concernentes à pornografia e ao seu consumo.

No tocante à ressignificação do sexo pela pornografia, na percepção das mulheres entrevistadas, o ato sexual geralmente não é visto apenas como penetração. Há outro sentido de sexo para as mulheres, o qual não é só o ato em si, não é só a penetração. Para elas, pode haver penetração ou não durante o ato sexual, ficando evidente que há ressignificação do que é sexo para as interlocutoras. Outros pontos interessantes, acerca da significação e da ressignificação de sexo, dizem respeito às primeiras experiências e aos sentimentos das entrevistadas quanto ao ato sexual. Percebe-se que algumas delas, inicialmente, tiveram experiências não tão boas, nem prazerosas, o que pode ser reflexo das faltas de informação e de conhecimento advindas do tabu acerca do sexo, no contexto sociocultural. No entanto, posteriormente, isso foi ressignificado a partir das interpretações e reinterpretções das entrevistadas.

Quanto à pornografia, há uma clara distinção entre a indústria pornográfica – filmes e vídeos, cujos alvos são os homens, produzidos de forma profissional, que reforçam o padrão composto por relações, na maior parte das vezes, heterossexuais, com atores que representam os estereótipos de beleza – e os outros tipos de conteúdo, como literatura, *gifs* e vídeos amadores. Além disso, para as mulheres, o sentido socialmente estabelecido da pornografia refere-se a algo que é moralmente condenável e que deprecia o sexo. No entanto, ao assumir o sentido de prazer, de deleite, a pornografia é ressignificada, havendo uma transgressão da ordem de gênero por parte das mulheres, uma vez que a elas é negado o prazer no consumo de pornografia. Por fim, na percepção das entrevistadas, na pornografia tradicional, as imagens dão ênfase ao prazer masculino, não há destaque ao prazer feminino, este não é cultuado, somente a satisfação masculina é posta como central na pornografia.

Já no tocante aos elementos interdiscursivos empoderamento, autoconhecimento, ampliação de possibilidades, prazer e liberdade, esses demonstram um sentido positivo que o consumo de pornografia assume para as entrevistadas, encontrando eco na ideia de que os sujeitos sociais são agentes de suas próprias práticas e não somente reprodutores da estrutura de significados estabelecidas pela cultura (Lima, 2010). Portanto, percebe-se que as entrevistadas exercem agência sobre aquilo que consomem e, de certa forma, influenciam alguns aspectos culturais colocados pelas ditas estruturas dominantes, pois, mesmo reprimidas e subjugadas, questionam a restrição desse consumo e buscam o prazer e a satisfação sexual.

Assim, o questionamento dos valores, dos aspectos culturais e sociais, possibilitou a experiência desse consumo que, se não tivessem sido questionados, talvez não acontecesse. E mesmo com esse questionamento há, nos relatos das entrevistadas, um dilema entre o querer consumir e o julgamento quanto a esse consumo.

Nesse sentido, a vergonha, o tabu, o preconceito e o medo de julgamento apareceram como aspectos negativos relacionados ao consumo de pornografia, os quais, acima de tudo, reforçam a estrutura de significados estabelecida pela cultura que assume o consumo de pornografia por mulheres como proibido, negado, transgressor, enfim, como algo que deve ser recusado, levando ao distanciamento do sentido libertador e emancipador que esse consumo pode revelar para o exercício da sexualidade.

Por fim, cabe destacar que esta pesquisa lança luz sobre uma série de questões que extrapolam o escopo desse artigo, ou seja, surgiram temas nas análises que poderão compor outros trabalhos futuros. Além disso, enfatiza-se que, como é usual em estudos interpretativistas, os pesquisadores encerram o trabalho com mais perguntas do que respostas. No entanto, algumas propostas de estudos podem ser apontadas. Sugere-se a realização de estudos com outros grupos, como adolescentes, homens, idosas, idosos e grupos com outras orientações sexuais, como homossexuais e bissexuais. Indica-se também estudar esse consumo em outras culturas, como diferentes regiões do estado, do país ou de outros países.

No tocante aos adolescentes – meninos e meninas com 18 anos –, seria interessante o desenvolvimento de investigações que procurassem relacionar formas de socialização das práticas sexuais por meio de pornografia, uma vez que muitos adolescentes, principalmente os meninos, são socializados para práticas sexuais via pornografia. Um tanto quanto curioso seria investigar sobre outras esferas desse mercado, por exemplo: como os diretores e os produtores de conteúdo pornográfico percebem o consumo de pornografia on-line por mulheres e se essa percepção, em alguma medida, influencia na produção desse material. Outra indicação de pesquisa futura pode caminhar no sentido de estudos de dinâmicas de mercado em que todos os atores interagem entre si e constroem mercados. Nesse sentido, seria válido procurar compreender como o mercado de conteúdos pornográficos vem se modificando ao longo do tempo a partir das ações e dos discursos de vários sujeitos e instituições envolvidas, ou então, como os consumidores de pornografia unem-se na tentativa de reivindicar novos nichos de mercado ou novas categorias de produtos.

## Referências

- ABEME. *Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual*. Disponível em <https://www.abeme.com.br/>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.
- Arnould, E. J., & Thompson, C. (2007). *Consumer culture theory (and we really mean theoretics): dilemmas and opportunities posed by an academic branding strategy*. In: Belk, R. W.; Sherry Jr., J. F. (org.). *Consumer culture theory*, Oxford: Elsevier, 3-22.
- Askegaard, S., & Linnet, J. T. (2011). Towards an epistemology of consumer culture theory Phenomenology and the context of context. *Marketing Theory*, 11(4), 381-404.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2007). *Pesquisa qualitativa em texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes.
- Bozon, M. (2004). *Sociologia da sexualidade*. FGV Editora.
- Burrell, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organisational analysis: elements of sociology of corporate life*. Aldershot: Ashgate.
- Cabral, R. V., & Romeiro, A. E. (2011). Sobre a sexualidade controlada: poder e repressão sexual em Michel Foucault. *Educação*, 1(1), 87-106.
- Cuminale, N. (2016), 12 de outubro. O cérebro pornô. *Revista Veja*, São Paulo, 49 (41), 84-91.
- Del Priore, M. (2011). *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. Editora Planeta do Brasil.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Díaz-Benítez, M. E. (2010). *Nas redes do sexo: Os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fiorin, J. L. (1999). Semântica e análise do discurso. In: Mari, H.; Pires, S.; Cruz, A. R.; & Machado, I. L. (Org.). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges.
- Fontenelle, I. A. (2017). *Cultura do Consumo: fundamentos e formas contemporâneas*. São Paulo: Editora FGV.

- Gomes, E. E. (2015). Práticas socializadoras do gosto sexual e do exercício do sexo. *Etnográfica*, vol. 19 (1), 51-75.
- Gregori, M. F. (2012). Erotismo, Mercado e Gênero: uma etnografia dos *sex shops* de São Paulo. *Cadernos Pagu* (38), 53-97.
- Jenkins, J. P. (2006). Pornography. In: Jenkins, J. P. *Encyclopedia Britannica Online*. Disponível em <https://global.britannica.com/topic/pornography>. Acesso em 23 de agosto de 2017.
- Lima, D. N. O. (2010). *Consumo: uma perspectiva antropológica*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes.
- Maingueneau, D. (1998). *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG.
- Morgan, D. L. (2007). Paradigms Lost and Pragmatism Regained: Methodological Implications of Combining Qualitative and Quantitative Methods. *Journal of Mixed Methods Research* Vol 1, Issue 1, pp. 48 – 76.
- Orlandi, E. P. (2012). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas: Pontes Editores.
- Ribeiro, P. R. M. (2005). Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In.: Bortolozzi, Ana Cláudia; Maia, Ari Fernando (Org). *Sexualidade e infância*. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, p.17-32.
- Ribeiro Neto, A., & Ceccarelli, P. R. (2015). Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais. *Reverso*, 37(70), 15-22.
- Rook, D. W. (2006). Let's Pretend: projective methods reconsidered. In: Belk, R. W. (Org.). *Handbook of qualitative research methods in marketing*. Northampton: Edward Elgar Publishing.
- Saraiva, L. A. S. (2009). *Mercantilização da cultura e dinâmica simbólica local: a indústria cultural em Itabira, Minas Gerais* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Administração, Belo Horizonte.
- Vergara, S. C., & Caldas, M. P. (2005). Paradigma interpretacionista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. *Revista de Administração de Empresas*, 45(4), 66-72.
- Walther, L. C.C.L. (2012). *Consumo erótico feminino e Cultura Material* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Administração, Rio de Janeiro.